

## CEM ANOS DE VITÓRIA

Paulo Amorim Cardoso

Caminhava, certa vez, ao longo de uma estrada de ferro, acompanhado de um desconhecido, senhor idoso e forte, que aparentava muita inteligência.

Ao olhar um trem que passava, com uma só máquina puxando muitos vagões, disse-lhe em tom de prosa:

— Quando eu vejo um trem, transporto-me ao passado e lembro-me de que ele já prestava muitos serviços à humanidade, mas havia, então, “homens cultos” que não admitiam a possibilidade de um trem com rodas de ferro rolar sobre trilhos de ferro, porque, conforme estavam convictos em suas ingênuas concepções, as rodas do trem deveriam deslizar...

O senhor idoso, de imediato, exclamou:

— O povo antigo era muito imbecil, não é verdade?!

Concordei com a idéia dele, mas considerei que, ainda hoje, havia muita gente assim. E, para ilustrar o argumento, disse-lhe:

— Ainda hoje, há muita gente que não acredita que o homem tenha ido à lua.

Fui interrompido bruscamente e, de modo incrédulo, interrogou-me:

— E ele foi mesmo?...

Certamente, ao lembrar-se de que chamara os antigos de imbecis, acrescentou:

— É... pode ser que alguém tenha ido até à lua...

O episódio revela o quanto os seres humanos são inseguros por causa de seus preconceitos, falsas sapiências e in-

gênuas credulidades. Quase sempre, contrariam tudo o que lhes desagradam ou desaprovam o que não lhes favoreçam os próprios interesses.

Ao fim de uma vida de muitos desencontros e desacertos, bem poucos acabam abrindo as portas da percepção, para que a luz da realidade penetre os labirintos da inteligência, onde só havia sombras e obscuridades...

Coisas semelhantes acontecem em relação com o Esperanto.

Há poucos dias fui procurado por um curioso professor de inglês, que desejava arranjar um determinado endereço situado em país estrangeiro, onde, por meio da língua internacional, o Esperanto, deveria conseguir algo de seu interesse. Como não me tivesse encontrado, no momento, começou a conversar com uma jovem que estava fazendo sua matrícula para o Curso de Esperanto.

O professor de inglês, que era versado nessa língua e dominava seus segredos, exaltava a utilidade prática da língua de Shakespeare. Mas, lamentavelmente, contrapunha-se, empedernido, à idéia da língua internacional Esperanto.

A jovem, então, contestou-lhe:

— Ora, Professor, se como diz o Sr., o inglês é útil e prático, e dominando o Sr. tão bem essa língua, por que vem atrás do Esperanto, para conseguir o que quer?

Parece que o argumento da jovem pesou-lhe sobre os ombros, pois mudou de assunto, passando, talvez, a considerar a asneira que havia cometido.

O ser humano é assim.

No ano de 1987, vamos comemorar o centenário do Esperanto, a língua do genial Zamenhof, falada e escrita nos quatro cantos do mundo, por cerca de 10 milhões de esperantistas. Idioma que foi reconhecido pelas Nações Unidas como veículo de difusão de cultura internacional. Idioma cuja literatura já orça em mais de 50.000 títulos. Idioma ensinado em centenas de universidades do mundo inteiro, cabendo à China a primazia de contar com 31 universidades que o ensinam e cultuam.

Apesar dessas conquistas tão expressivas e significativas, não parecem ser suficientes para a inteligência de certas pessoas que ainda são recalcitrantes em afirmar-se contra a idéia "maluca" de querer fazer do Esperanto a língua internacional, a língua do futuro.

Não senhores, nós os esperantistas, nós que nos dedicamos a esse trabalho honesto e útil para o bem da humanidade, nós não queremos fazer do Esperanto a língua do futuro, porque o Esperanto já é efetivamente, em sua pujança e em sua vivência, a língua do presente. Através do Esperanto, estamos criando uma cultura internacional, estamos, sobretudo, mantendo intacta a cultura de cada povo.

Não importa o que pensam e acham os outros, — o que importa é que o Esperanto venceu o mundo para o próprio bem da humanidade.

São cem anos de vitória.

Mas, perguntar-me-á o leitor, por que não escolheram outro idioma já usado há séculos, um idioma que já tem uma grande cultura, como inglês, o espanhol ou o francês?

A primeira idéia do criador do Esperanto foi essa. Ele pensou em escolher um dos idiomas já existentes. Como na cidade onde ele nasceu e morava, falavam quatro idiomas e usavam três diferentes alfabetos, muito cedo ele compreendeu que nenhum povo quer aceitar o idioma de outro, com superioridade ao próprio; por isso seria difícil convencer a aceitação de qualquer dos idiomas existentes.

O idioma internacional deveria não ser patrimônio de nenhum povo e por isso ele lembrou que o latim poderia desempenhar o honroso papel de idioma internacional, já que os romanos não mais existiam.

Assim pensando, Zamenhof dedicou-se ao estudo do latim. Verificando a impossibilidade de esse idioma ser o internacional, devido as suas múltiplas dificuldades, concluiu: Só um idioma neutro, fonético, fácilimo, sem exceções gramaticais e sem verbos irregulares, poderá ser o internacional.

Esse idioma não existia, alguém deveria criá-lo e ele tomou sobre si a nobre incumbência de dar à humanidade a maior e mais útil invenção para o desenvolvimento humano.

Hoje, o Esperanto é o mais rico dos idiomas do mundo, nele encontramos as obras-primas da humanidade: todos os povos procuram traduzir para esse idioma o que têm de melhor na sua literatura, tornando o Esperanto um filtro que não deixa passar as impurezas, mas só os livros úteis são traduzidos para o Esperanto.

Com mais de 50.000 obras selecionadas, quem pudesse ler *um livro por dia* teria que viver mais de 136 anos para ler o que existe nesse idioma.

Aprender o Esperanto é uma necessidade da época, em que tudo é mais rápido e mais fácil.

“Na era da comunicação, o Esperanto é a solução.”